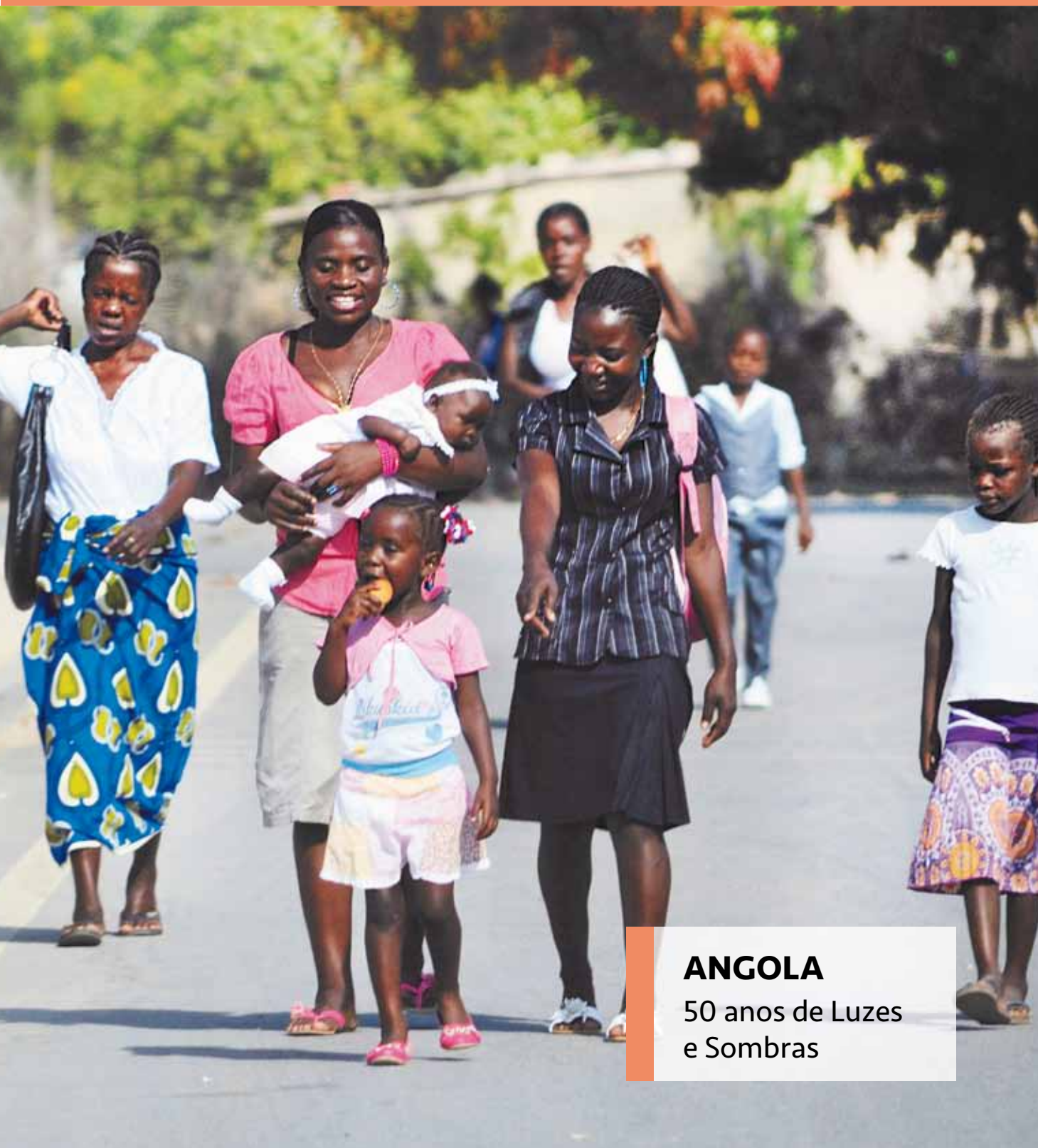
BOA NOVA

Atualidade Missionária

ANO CI | **N.º 1145** | **NOVEMBRO 2025** | AVULSO 2,50€ (IVA INCLUÍDO) | PUBLICAÇÃO MENSAL



ANGOLA

50 anos de Luzes e Sombras

FICHA TÉCNICA

BOA NOVA

Largo da Igreja – Apartado 40
3721-908 Vila de Cucujães | Portugal

E-mail: boanovarevam@mail.telepac.pt
Site: **revista.boanova.pt**
Tel.: 256899350 (Administração e Redação)

Sede do editor: Largo da Igreja – Apartado 40
3721-908 Vila de Cucujães | Portugal

Sede da Redação: Largo da Igreja – Apartado 40
3721-908 Vila de Cucujães | Portugal

Revista dos MISSIONÁRIOS DA BOA NOVA

Publicação Mensal

Ano CI | N.º 1145 | **novembro 2025**

Historial: Com o nome de "O Missionário Católico" entre os anos 1924-1970

Depósito Legal: n.º 3725/83

ISSN 0870-7626 – Registo n.º 101474

Proprietário: **Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas, ou, simplesmente, Sociedade Missionária da Boa Nova**
- Rua da Bempostinha, 30 - 1150-066 LISBOA

Contribuinte N.º 500 261 431

Administração: **Editorial Missões**

Diretor e coordenador: **Rui Ferreira**

Diretora Adjunta: **Eva Dias**

CONSELHO DE REDAÇÃO:

Equipa redatorial: **Rui Ferreira, José Manuel Lima, Joaquim Pinho, Letícia Amorim, Eva Dias e Diana Salgado**

Colaboradores permanentes: **Jerónimo Nunes (América Latina), José Guedes (África) e Tiago Tomás (Ásia)**

Colaboradores assíduos: **Aires Gameiro, Artur de Matos, Sérgio Cabral, Augusto Farias, Filipe Monteiro**

Design gráfico: **Bruno Campos e Letícia Amorim**

PDF: **Álvaro Silva**

Institutos Missionários ligados à BOA NOVA: **Franciscanas Missionárias de Maria * Irmãos de S. João de Deus * Associação das Missionárias da Boa Nova * Leigos Boa Nova**

Sede do impressor: **Gráfica Diário do Minho, Lda.**
Rua de S. Brás, 1
4710-079 Gualtar - Braga
producao@diariodominho.pt

Tiragem: **5.500 exemplares**

Assinatura anual ..... 18,00 €
Assinatura anual de Amigo ..... 25,00 €
Assinatura anual de Benemérito ..... 50,00 €
Assinatura anual Europa ..... 20,00 €
Assinatura anual fora da Europa ..... 25,00 €

Número Avulso: **2,50 € (inclui IVA à taxa legal)**

A Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas exerce a sua atividade sem fins lucrativos.

CAPA: **Sérgio Cabral** (arranjo gráfico).
Foto: Boa Nova

CONTRACAPA: **José Manuel Lima** (arranjo gráfico)

Editorial Missões
ADQUIRA BONS LIVROS



2,20 €



2,50 €

O exercício espiritual das novenas, como forma de preparação para as festas cristãs, sempre fez parte da tradição católica. A Editorial Missões, na continuidade de outras novenas, apresenta a novena ao Espírito Santo e a trezena a S. Sebastião, protetores da Igreja.

O PAGAMENTO DA **BOA NOVA**
PODE SER FEITO ATRAVÉS
DE CHEQUE, VALE DO CORREIO
OU TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA

Através de transferência bancária:
Nacional – IBAN: PT 50 0018 0003 2047 5182 02032
Banco Santander
Estrangeiro – IBAN: PT 50 0018 0003 2047 5182 02032
Swift/BIC: TotaPTPL – Banco Santander

Se fizer o pagamento por transferência bancária,
deverá avisar a revista Boa Nova
por telefone (256 899 350),
ou e-mail (boanovarevam@mail.telepac.pt),
dando-nos conta da operação realizada e indicando
o nome do titular da conta e a assinatura que paga.

A assinatura anual da Boa Nova,
em 2025, é de 18,00 €.

Esperar é não saber*

◊ **Pe. Rui Ferreira, diretor**

Como manter acesa a esperança no meio das trevas? "Que posso eu fazer" é uma pergunta que nos assalta e que, na falta de respostas, pode levar ao desânimo. Esperar é também não saber. A humildade de não saber – de não ter todas as respostas e soluções – pode ajudar-nos a manter viva a chama da fé, da esperança e do amor.

Por vezes, perante a realidade esmagadora do genocídio de crianças inocentes e velhos indefesos, de jovens que matam a própria mãe ou ceifam a sua vida ainda em flor, saber que não sabemos o que fazer é humildade, ou seja, é a verdade sobre a nossa frágil condição e precariedade.

Tal humildade, porém, deve elevar o nosso coração para Cristo, Nossa Esperança, e ser acompanhada da oração, «a primeira ação missionária e, ao mesmo tempo, a primeira força da esperança» (Papa Francisco). Ele é a fonte onde nos podemos saciar para continuar a acreditar e a esperar que outro mundo é possível, e que, com a Sua ajuda, podemos fazer algo para o alcançar, mesmo sem saber o que fazer, num dado momento.

Quando tudo parecia acabado, oculta e silenciosa, a primavera da vida brotou e venceu a morte. «E continua a fazê-lo também hoje! De facto, as coisas não são o que parecem: o amor venceu». Podemos não ter as respostas todas, «mas temos Jesus. Seguimos Jesus. E assim esperamos o que ainda não vemos. Jesus vai à nossa frente. Aprendemos, avançando um passo de cada vez. É um caminho não apenas para a Igreja, mas para toda a humanidade. Um caminho de esperança» (Leão XIV).

> **De facto, foi na esperança que fomos salvos. Ora uma esperança naquilo que se vê não é esperança. Quem é que vai esperar aquilo que já está a ver? Mas, se é o que não vemos que esperamos, então é com paciência que o temos de aguardar.**
> ***(Romanos 8, 24-25)***

Parabéns ao povo angolano pelos 50 anos de independência. Para a SMBN, a juventude da Região de Angola e dos seus membros é um sinal concreto de esperança.

*(*Inspirado na Catequese do Papa Leão XIV na Audiência Jubilar de 25.10.2025)*

revistaboanova1924@gmail.com

03 **PÓRTICO**
Esperar é não saber

05 **PEREGRINOS DA ESPERANÇA**
Esperar é intuir

06 **MEMORIAL**
Repercussões do processo de independência de Angola na Boa Nova

08 **HORIZONTE**

12 **ZOOM MENSAGEM**
Oração de Gratidão pela Família

14 **MISSÃO PRESS**
Angola,
50 anos de luzes e sombras

16 **JUBILEU E MISSÃO**
A Igreja em Angola:
Duplo Jubileu

20 **1.º PLANO**
Angola:
50 anos de Luzes e Sombras

22 :: Pe. Adelino Simões:
«Fui com tudo o que tinha»

27 :: Jubileu dos 50 Anos da Diocese do Sumbe

30 :: Voz de um jovem missionário

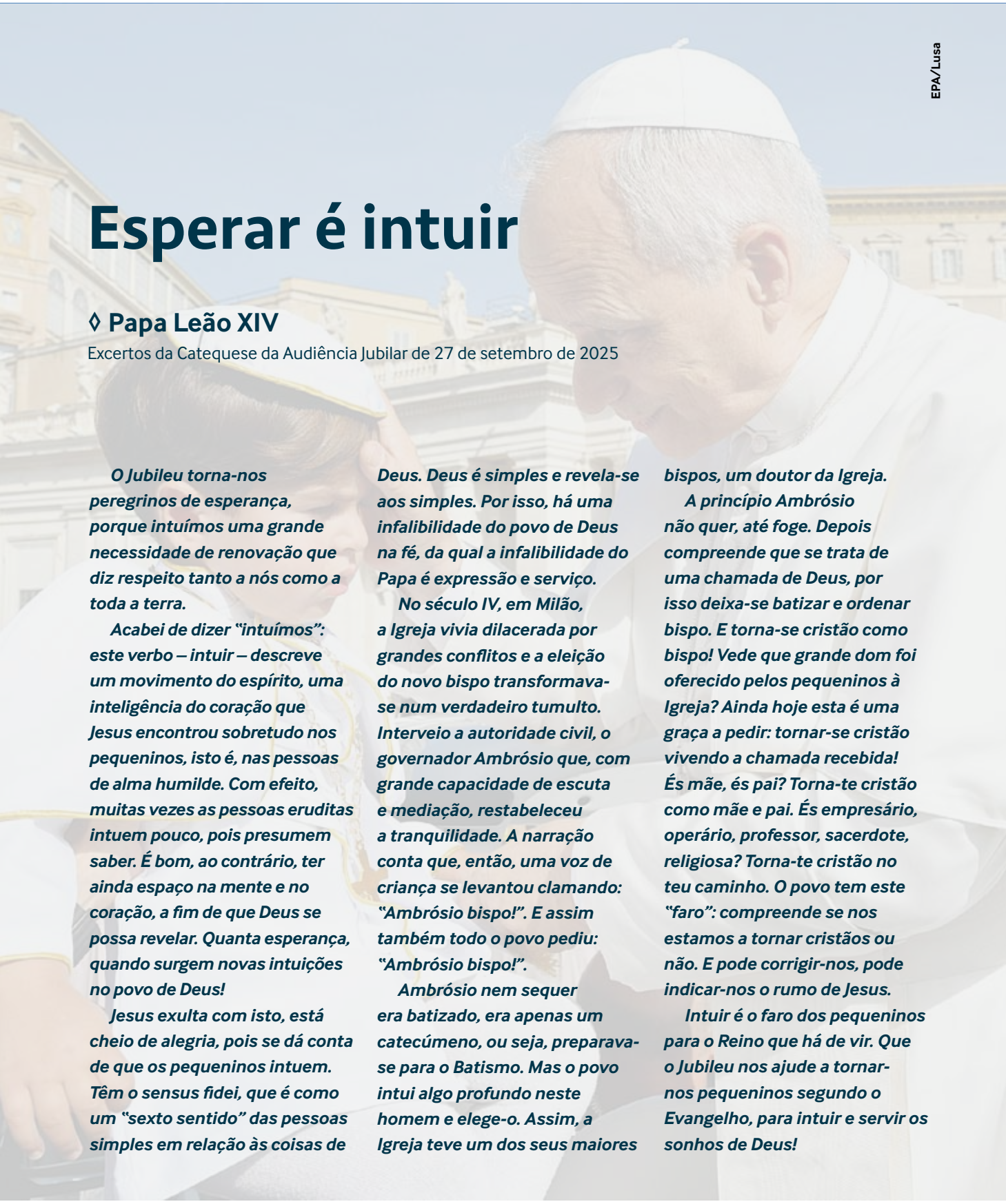
32 **LINHA DA FRENTE**
Partilha de Fé e de cultura em Angola, uma experiência

34 **MÃOS ABERTAS**

35 **COOPERAÇÃO BOA NOVA**

36 **FAMÍLIA BOA NOVA**
Vínculos que não se rompem

38 **AO DE LEVE**



EPA/Lusa

Esperar é intuir

◊ **Papa Leão XIV**

Excertos da Catequese da Audiência Jubilar de 27 de setembro de 2025

O Jubileu torna-nos peregrinos de esperança, porque intuímos uma grande necessidade de renovação que diz respeito tanto a nós como a toda a terra.

Acabei de dizer "intuímos": este verbo – intuir – descreve um movimento do espírito, uma inteligência do coração que Jesus encontrou sobretudo nos pequeninos, isto é, nas pessoas de alma humilde. Com efeito, muitas vezes as pessoas eruditas intuem pouco, pois presumem saber. É bom, ao contrário, ter ainda espaço na mente e no coração, a fim de que Deus se possa revelar. Quanta esperança, quando surgem novas intuições no povo de Deus!

Jesus exulta com isto, está cheio de alegria, pois se dá conta de que os pequeninos intuem. Têm o sensus fidei, que é como um "sexto sentido" das pessoas simples em relação às coisas de Deus. Deus é simples e revela-se aos simples. Por isso, há uma infalibilidade do povo de Deus na fé, da qual a infalibilidade do Papa é expressão e serviço.

No século IV, em Milão, a Igreja vivia dilacerada por grandes conflitos e a eleição do novo bispo transformava-se num verdadeiro tumulto. Interveio a autoridade civil, o governador Ambrósio que, com grande capacidade de escuta e mediação, restabeleceu a tranquilidade. A narração conta que, então, uma voz de criança se levantou clamando: "Ambrósio bispo!". E assim também todo o povo pediu: "Ambrósio bispo!".

Ambrósio nem sequer era batizado, era apenas um catecúmeno, ou seja, preparava-se para o Batismo. Mas o povo intui algo profundo neste homem e elege-o. Assim, a Igreja teve um dos seus maiores bispos, um doutor da Igreja.

A princípio Ambrósio não quer, até foge. Depois compreende que se trata de uma chamada de Deus, por isso deixa-se batizar e ordenar bispo. E torna-se cristão como bispo! Vede que grande dom foi oferecido pelos pequeninos à Igreja? Ainda hoje esta é uma graça a pedir: tornar-se cristão vivendo a chamada recebida! És mãe, és pai? Torna-te cristão como mãe e pai. És empresário, operário, professor, sacerdote, religiosa? Torna-te cristão no teu caminho. O povo tem este "faro": compreende se nos estamos a tornar cristãos ou não. E pode corrigir-nos, pode indicar-nos o rumo de Jesus.

Intuir é o faro dos pequeninos para o Reino que há de vir. Que o Jubileu nos ajude a tornar-nos pequeninos segundo o Evangelho, para intuir e servir os sonhos de Deus!

Repercussões do processo de independência de Angola na Boa Nova

◊ **Eva Dias**

Angola foi o primeiro território africano sob domínio português a iniciar a luta armada pela independência, em 1961, e o último a conquistá-la, em 11 de novembro de 1975. O processo de descolonização teve repercussão nas páginas da revista Boa Nova, refletindo o envolvimento dos missionários da Sociedade Missionária Portuguesa, presentes no país desde 1970.

Em maio de 1974, os bispos angolanos publicaram uma nota pastoral saudando a Junta de Salvação Nacional portuguesa e apelando ao fim da guerra colonial, pedindo diálogo entre os grupos em conflito (BN, jul.-ago., pp.56-57). Em junho, através da carta "Momento Cristão de Angola", o episcopado delineou quatro eixos fundamentais do ponto de situação do país: o papel da Igreja na conjuntura política, a construção e garantia da paz, e o merecimento da liberdade. A Igreja felicitava o reconhecimento do direito do povo angolano de escolher o seu futuro e apelava à justiça e à verdade como fundamentos da paz (idem, pp.60-63).

Em Portugal, o Encontro de Institutos Missionários realizado em Coimbra, entre 3 e 5 de junho de 1974, propôs uma declaração conjunta sobre a posição da Igreja na nova conjuntura sociopolítica (BN, jul.-ago., pp. 67-68). A proposta resultou no documento "Urge repensar a Missão. Missionários Hoje", publicado na edição de setembro de 1974 (idem, pp.11-13). Paralelamente, a Sociedade Missionária Portuguesa reviu em profundidade a sua atuação, definindo novas diretrizes na III Assembleia Geral (Valadares, 11 de julho-28 de agosto de 1974), expressas no texto "Para um compromisso cada vez mais evangélico ao serviço das igrejas locais"(BN, out. 1974, pp.11-20).

A independência de Angola foi precedida por acordos entre o governo português e os três principais movimentos



▲ **Capa da edição dedicada a Angola, a três meses da independência. Boa Nova, agosto-setembro de 1975**



▲ **Notícia do nascimento de Angola como país independente, em 11 novembro de 1975. Boa Nova, dezembro de 1975, p. 5**



▲ **Entrevista ao P. Laurindo Neto, um dos missionários da Boa Nova raptados no período da guerra civil angolana. Boa Nova, janeiro de 1983, pp.36-37.**

Fotos: Arquivo Boa Nova

de libertação: FNLA, MPLA e UNITA (BN, mar. 1975, pp.11-13). A expectativa gerada pela transição refletiu-se no número especial da Boa Nova, com destaque para temas como "A Igreja em Angola", "A mulher angolana numa Angola livre" e "Uma Igreja nova para uma Angola nova" (BN, ago.-set. 1975).

A africanização da hierarquia eclesiástica foi um marco da autonomia da Igreja angolana. Bispos portugueses como D. Manuel Nunes Gabriel e D. Américo Henriques renunciaram aos seus cargos (BN, fev. 1976, p.15; ago.-set. 1976, p.13), e a Santa Sé aprovou uma profunda remodelação eclesiástica, reconhecendo o fortalecimento da Igreja local (BN, mai. 1977, p.7). A Carta Pastoral de 29 de junho de 1976 sobre a Evangelização de Angola traçava de modo auspicioso o ponto de situação da missionação do país (BN, nov. 1976, pp.6-9). Contudo, apesar da liberdade religiosa permitida pelo governo, os bispos angolanos mostravam-se atentos aos abusos e infrações cometidos pelos movimentos e autoridades (Nota Pastoral de 22 de novembro de 1976. BN, fev. 1977, p.16).

Apesar da independência, a ocupação e usurpação dos bens das missões e a guerra civil subsequente, trouxe grandes desafios às populações e aos missionários. Alguns foram raptados (P. Laurindo Neto e P. José da Silva Mendes); outros impedidos de comunicar e circular, devido às guerrilhas ("Missionários em Angola escrevem", abr. 1976, pp.15-16); outros martirizados, como o P. Manuel Armindo Lima (3 de fevereiro de 1982) e o Ir. Artur Paredes (6 de janeiro de 1985). Mesmo diante das adversidades, os missionários da Boa Nova aguentaram firmes, adaptando-se às novas contingências, acompanhando as comunidades em momentos decisivos, sendo muitas vezes a única voz ativa na defesa do povo angolano. •

◊ **Coordenação: Eva Dias**

Gaza

Negociações ditaram acordo de cessar-fogo no território palestino


EPA/Lusa

◊ **Agência Ecclesia**

No dia 8 de outubro, Israel e o Hamas acordaram a fase inicial do cessar-fogo na Faixa de Gaza, após negociações em Sharm al-Sheikh mediadas pelo Egipto, Qatar, Estados Unidos e Turquia. O acordo começou a ter efeitos no dia seguinte, resultando na libertação de reféns pelo Hamas e a reabertura, por parte de Israel, da passagem de Rafah, entre o Egito e a Faixa de Gaza, permitindo a entrada de 600 camiões com ajuda humanitária.

O Pe. Gabriel Romanelli, pároco da Sagrada Família, única paróquia católica de Gaza, manifestou esperança com o final da guerra, ainda que consciente da dificuldade de recomeçar a vida numa cidade "completamente destruída". Salientou que, graças ao patriarca latino de Jerusalém, cardeal Pierbattista Pizzaballa, e a muitas associações, a paróquia "ajudou e continuará a ajudar milhares de famílias em Gaza".

Também os patriarcas e chefes das Igrejas em Jerusalém saudaram o cessar-fogo entre Israel e Hamas, apelando a uma intervenção humanitária em larga escala para ajudar a população de Gaza.

Recorde-se que o cessar-fogo em Gaza põe termo a quase dois anos de conflito iniciado após a ofensiva israelita de 7 de outubro de 2023, desencadeada por ataques do movimento islamita palestino Hamas contra Israel. •

Moçambique

Rasto de destruição numa aldeia de Chiúre após incursão de terroristas

◊ **Fundação AIS**

Um professor primário, diretor de uma escola pública numa aldeia no distrito de Chiúre, em Cabo Delgado, em testemunho enviado para a Fundação AIS em Lisboa, relata que os terroristas, que reivindicam pertencer ao Daesh, a organização jihadista Estado Islâmico, "queimam tudo" desde casas e igrejas, mas também matam e raptam pessoas. O professor testemunhou ainda o rapto de seis raparigas, crianças ainda, suas alunas, durante a passagem muito recente de terroristas pela zona, situada no norte de Moçambique. O professor apela agora à sua libertação: "Queremos aquelas crianças de volta para continuarem a estudar". E refere ainda: "não temos mais crianças para ir na escola. As crianças têm medo por causa daqueles insurgentes, e não temos como trabalhar". •

Ucrânia

Bispo de Donetsk diz que a situação na diocese está “cada vez pior”



ACN

◊ **Fundação AIS**

D. Maksym Ryabukha, um dos mais jovens bispos do mundo, está à frente de um vasto território que abrange as regiões de Donetsk, Luhansk, Danipr e Zaporizhzhia, nomes tristemente conhecidos do mundo por estarem no centro da guerra na Ucrânia. À Fundação AIS, o prelado traça um retrato duro da realidade do país, em guerra desde que começou a invasão das tropas russas, em fevereiro de 2022. As consequências do conflito têm sido terríveis para todos os ucranianos, mas particularmente dramáticas para muitos dos que vivem na diocese. Cerca de metade do exarcado – o equivalente oriental a diocese – está ocupado por forças russas e, por isso, inacessível. Até a catedral está fechada. Para D. Maksym, os dias são passados em viagem, para estar o mais próximo possível das pessoas. Todos os dias escuta relatos de violência, medo e terror.

A guerra alterou a vida de todos. “Antes da guerra tínhamos mais de 80 paróquias; agora temos apenas 37 ativas. As restantes fecharam, foram ocupadas ou destruídas”, explica. O facto de grande parte do território da diocese estar ocupado pelas forças russas significa muito. A começar pela proibição de “qualquer filiação com a Igreja Católica, seja greco-católica, ou de rito latino”. Na prática, explica o bispo, significa que “é muito difícil prestar qualquer tipo de assistência religiosa. Já não temos sacerdotes nesses territórios; todas as nossas igrejas foram destruídas ou estão fechadas, e as pessoas não podem frequentá-las”. “Sentimo-nos impotentes, porque parece que ninguém vê o que se passa”, diz. •

Vaticano

Papa Leão XIV esteve presente no 80.º aniversário da FAO



EPA/Lusa

◊ Agência Ecclesia/Vatican News/Vida Nueva

Na manhã do dia 16 de outubro, o Papa Leão XIV esteve na sede da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), em Roma, onde participou na cerimónia do Dia Mundial da Alimentação e no 80º aniversário da Organização. O Santo Padre exortou líderes e nações a renovar o compromisso com a Agenda da Fome Zero 2030 e com a segurança alimentar global. O Pontífice destacou que a luta contra a fome "é uma batalha de todos", advertindo que "os slogans não tiram ninguém da miséria". Leão XIV lamentou que 673 milhões de pessoas no mundo vão para a cama sem comer e outros 2,3 mil milhões não tenham possibilidade de ter uma alimentação adequada, do ponto de vista nutricional. O Pontífice condenou ainda "a utilização de alimentos como arma de guerra" e reforçou que "o silêncio daqueles que morrem de fome grita na consciência de todos".

Conferência Episcopal Portuguesa: 60.º aniversário da publicação da 'Nostra Aetate' celebrado em Fátima



Agência Ecclesia/LS

◊ **Agência Ecclesia**

O Centro Pastoral Paulo VI, em Fátima, recebeu, na manhã do dia 16 de outubro, a conferência que assinalou o 60.º aniversário da publicação da 'Nostra Aetate', promulgada em 1965 pelo Concílio Vaticano II, documento que se tornou um marco no relacionamento da Igreja Católica com as religiões não-cristãs. A iniciativa foi promovida pela Conferência Episcopal Portuguesa, através da Subcomissão de Diálogo Inter-Religioso, da Comissão Missão e Nova Evangelização, e contou com o orador convidado o prefeito do Dicastério para o Diálogo Inter-Religioso, cardeal George Koovakad.

Perante representantes de várias confissões, o responsável da Santa Sé referiu que "as religiões, na sua essência, são fontes de fraternidade e solidariedade" e que é preciso promover entre os crentes "uma amizade respeitosa, apesar das diferenças e da diversidade", partilhando "valores e convicções religiosas e preocupações comuns sobre a sociedade, que dão origem a um compromisso comum de trabalhar juntos pelo bem comum".

Numa entrevista à margem da conferência, D. Armando Esteves Domingues, presidente da Comissão Missão e Nova Evangelização, afirmou à Agência Ecclesia que "a Igreja Católica tem uma linha, ser um grito contracorrente no mundo, no qual voltamos a ver renascer radicalismos, (...) exclusivismos e exclusões sociais de todo o género", não apenas exclusão religiosa, mas igualmente "de povos, de raças, de culturas". O bispo de Angra partilhou ainda que "gostaria, quanto seria necessário" que as entidades públicas, os políticos, os legisladores, "tivessem no coração e na preocupação" o que são "verdades inalienáveis, direitos reconhecidos" pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, que é anterior à 'Nostra Aetate'. •

◊ **Foto: Pe. Zé Manel**

◊ **Texto: IA**

Oração de Gratidão pela Família



Meu Deus amado,
Hoje venho diante de Ti
com o coração cheio de gratidão.

Obrigado pela bênção da minha família,
pela vida, pela união
e pelo amor que nos sustenta.
Sou grato pela alegria
de sermos uma família grande,
por todos os filhos que nos confiaste,
cada um com o seu sorriso, a sua energia
e o seu dom único.

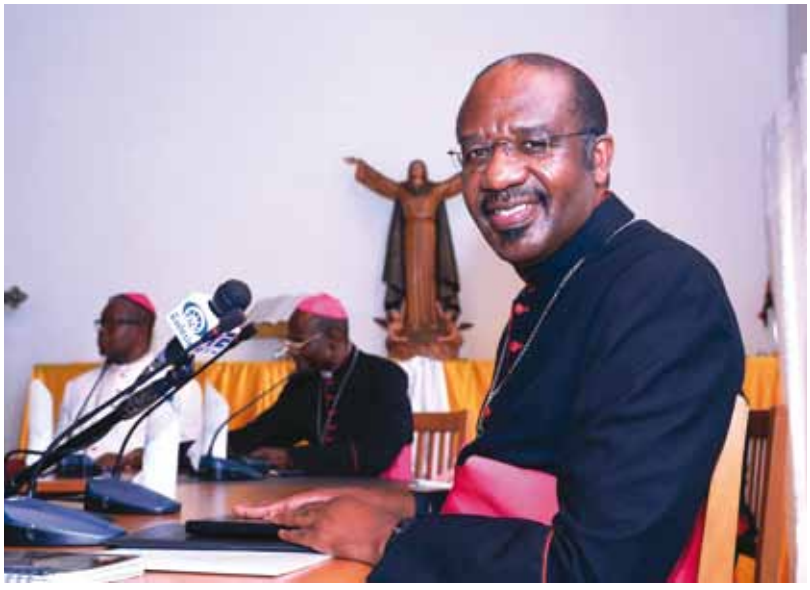
Obrigado, Senhor,
por nos teres feito nascer e crescer em Angola,
terra de juventude, esperança e fé.
Que a Tua mão poderosa continue
a guiar-nos, a proteger-nos
e a encher a nossa casa de paz.
Que nunca falte amor entre nós,
nem coragem para enfrentar os desafios da vida.
E que o nosso lar seja sempre um reflexo da Tua bondade.
Amen.



Angola, 50 anos de luzes e sombras

◊ **Pe. Tony Neves, Missionário Espiritano**

O Pe. Tony Neves, Conselheiro Geral dos Espiritanos, em Roma, iniciou a sua vida missionária em Angola, em 1989, logo após a sua ordenação sacerdotal. Nesta publicação conjunta da Missão Press, partilha a sua leitura da Mensagem Pastoral dos Bispos da CEAST para o jubileu dos 50 anos da Independência de Angola.



▲ A Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé (CEAST) publicou, a 17 de julho, uma mensagem para os 50 anos da independência. Após referir todos os ganhos da vitória frente ao colonialismo e de deixar claro que a independência é uma graça a celebrar, os bispos apontam algumas das feridas abertas e ainda não cicatrizadas, apelando à mudança. Na foto, D. José Manuel Imbamba, atual Presidente da CEAST

Angola é o último país lusófono africano a celebrar os 50 anos da sua independência. A festa grande será dia 11 de novembro. Começo por recordar uma experiência recente. A Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé (CEAST) publicou, a 17 de julho, uma longa e bem trabalhada mensagem para celebrar os 50 anos da independência. Começa por referir todos os ganhos de uma vitória frente ao colonialismo. E, depois de deixarem claro que a independência é uma graça a celebrar, os bispos têm a coragem de pôr o dedo em algumas das feridas abertas e ainda não cicatrizadas. Falar de 'imperativos para a mudança' é assumir a missão profética de corrigir erros e propor caminhos de futuro assentes nos valores que constroem um país com cidadãos livres, responsáveis e comprometidos. A parte final consta de dez apelos, todos a apontar para um futuro de justiça, paz, democracia e respeito pelos direitos humanos.



Fotos: EPA/Lusa

▲ **Nos Apelos Finais, os bispos afirmam que "é fundamental a educação das novas gerações nos valores sociais, culturais, éticos e cristãos". Vista de Luanda, capital de Angola, uma das cidades mais populosas da lusofonia**

LONGO CAMINHO PARA A LIBERDADE...

São interessantes e desafiantes as comparações entre colonialismo e neocolonialismos, as citações das intervenções dos Papas João Paulo II e Bento XVI em Angola, a ligação ao Jubileu da Igreja e seus valores, bem como as referências a algumas das mensagens mais marcantes da CEAST ao longo destas últimas cinco décadas de Angola.

João Paulo II, na sua visita em 1992, num tempo de paz e de eleições, referiu a importância da 'consolidação de Angola como um estado de direito, assente nos valores e nos princípios da vida, da justiça social e do respeito mútuo'. Esta Mensagem refere, numa primeira parte, aspetos positivos evidentes: 'são luzes que aplaudimos e de que nos orgulhamos'.

IMPERATIVOS PARA A MUDANÇA

Com espírito crítico e construtivo, a CEAST aponta alguns 'imperativos para a mudança' que se impõem, para bem do povo. Falam de 'estender a justiça social em favor de todos (...), com igualdade de oportunidades', 'prestando mais atenção às exigências da justiça social'. É importante e necessário reconhecer 'os nossos erros, as nossas sombras e insuficiências'. Falam os Bispos do 'pouco apoio à agricultura familiar'; do 'contrabando e purga de minerais, inertes, combustíveis e outros recursos públicos'; deficiente política educativa'; 'falta de saúde de qualidade'; 'aberrante e alarmante desvio de fundos públicos, escandalosa expatriação de capitais'; 'degradação do meio ambiente'; 'escandalosa lógica de oportunismo'; 'crescimento desordenado das cidades'; 'falta de estradas, pontes e várias outras infraestruturas públicas'...e a convicção de que há restrições à liberdade de expressão, o sistema político é centralizado e autocrático e os conflitos herdados do passado mantêm reflexos nefastos nas relações hoje entre partidos...

Tudo somado, a independência foi um ganho enorme. É importante que 'Angola seja cada dia mais independente e soberana'. Entre os Apelos Finais, saliento o último que diz que 'é fundamental a educação das novas gerações nos valores sociais, culturais, éticos e cristãos para que elas percebam que são o presente e o futuro da Nação.

A Igreja em Angola: Duplo Jubileu

O Pe. Constantino Mário Chingalule, formador no Seminário da Boa Nova, em Viana, na Arquidiocese de Luanda, escreve sobre a enorme alegria de viver um duplo Jubileu: o da Esperança, na Igreja Católica, e o dos 50 anos da Independência de Angola. Apesar dos grandes desafios que o seu país enfrenta, este jovem sacerdote encara a realidade ancorado na esperança que foi derramada nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado. A partir desta certeza, conta que a Igreja tem procurado promover a união e a fraternidade entre todos os angolanos.

◊ **Pe. Constantino Mário Chingalule**
Missionário da Boa Nova

Deus espera por nós para nos abrir a Porta, abraçar e alegrar-Se connosco, tal como no abraço do Pai ao filho pródigo. A alegria de celebrar o Ano Santo da Esperança, no mesmo ano dos 50 Anos da independência de Angola, é enorme e muito especial. Elevamos o nosso canto festivo e a nossa oração de gratidão a Deus por nos enviar o Seu Amado Filho para nos redimir, e pelas graças e a proteção recebidas durante estes 50 anos de independência, marcados por tristezas, alegrias e esperanças.

A esperança que vislumbra o olhar não apenas para um futuro melhor, uma sociedade mais solidária, uma comunidade mais fraterna, mas sobretudo para a necessidade de olharmos para o outro que vive connosco, que se cruza na estrada da vida connosco, que connosco partilha o teto no mesmo local de serviço, como aquele que necessita da nossa atenção, afecto, ajuda e toda dedicação, para construirmos um mundo mais fraterno e coeso. Um mundo onde não nos

consideramos mais ou menos, por sermos isto ou termos aquilo, mas no qual estamos unidos pela mesma filiação divina. Partindo da consciência desta fraternidade universal, a Igreja angolana tem procurado, através de várias iniciativas, viver o Jubileu da Esperança, com vivacidade e alegria, tentando reforçar a união entre as comunidades. Exemplo disso mesmo são as peregrinações às portas santas por vigararias, paróquias e grupos, onde os fiéis deixam as suas comodidades e partem ao encontro do Senhor e dos outros que lá os esperam e acolhem, para juntos erguerem a voz a Deus.

Diante da instabilidade social, económica e política que Angola tem vivido, resultando em inúmeras manifestações e tumultos contra a governação, a Igreja Católica, inspirando-se na mensagem do Jubileu da Esperança, tem sensibilizado e provocado as comunidades cristãs e a sociedade civil angolana, em geral, a promover a fraternidade, reconhecendo as diferenças de pensamento, apelando constantemente a cuidar da paz conquistada com tantos sacrifícios. Tem igualmente alertado sobre a necessidade de compreender o que custou a liberdade e o que significa a independência e o seu mérito, apesar dos erros que lhe sucederam.



Fotos: Boa Nova

▲ **Na grande alegria de celebrar um duplo Jubileu, o povo angolano eleva para Deus o seu cântico de louvor e de ação de graças pelos 50 anos de independência, marcados por tristezas, alegrias e esperanças**

Como tal, apelando à fraternidade e à unidade, os bispos escreveram na sua Mensagem Pastoral sobre os 50 anos da independência de Angola o seguinte: "com efeito, há, entre os angolanos, naturalmente, consideráveis diferenças de sentimentos em relação à independência do seu País e aos cinquenta anos dela, o que é legítimo. Esses sentimentos revelam e significam expressões diferentes do amor à Mãe Pátria, essas, também, expressões de diferentes conhecimentos, vivências e experiências, o que, através desta mensagem, desejamos que seja, adequadamente reconhecido e igualmente valorizado. Se devidamente harmonizadas, tais diferenças são e serão ener-



▲ **Para o Pe. Constantino Mário, neste duplo Jubileu, a Igreja em Angola tem procurado promover a união e a fraternidade. Na foto, com os seus pais e o Pe. Aníbal Morgado, no dia da sua ordenação, no ano passado**

gias indispensáveis para as ingentes tarefas de construção de uma Angola que seja capaz de proporcionar o melhor de si para todos os seus filhos e filhas".

Relativamente à formação dos futuros pastores da Igreja, a celebração do Jubileu levou à intensificação da dinâmica missionária através de intercâmbios entre as dioceses da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé (CEAST). O mesmo acontece com os diáconos, que realizam os seus estágios fora das suas dioceses de origem, uma realidade não muito comum no passado, que enfatiza o carácter universal da Igreja e realça a comunhão a que todos estamos chamados desde o nosso batismo. Esta dinâmica, por um lado, desafia-nos a partir, o que exige muita coragem, ousadia e fé; sobretudo quando partimos para realidades de difíceis acessos, algumas fechadas culturalmente, outras com enormes desafios sociais e até mesmo eclesiais, deixando para trás os nossos confortos e seguranças. Por outro lado, é uma experiência missionária enriquecedora e fecunda, na medida em que somos chamados a examinar os nossos conhecimentos, convicções, maneiras de analisar e julgar a realidade e, muitas vezes, libertarmo-nos de preconceitos. Isto exige humildade para perceber que não somos detentores de conhecimentos perfeitos e absolutos, mas que é precisamente no encontro com o outro que este conhecimento poderá crescer e ser aperfeiçoado. Tal como quem parte, quem acolhe tem também algo a dar e a receber.

Gostaríamos de evocar o feliz exemplo da diocese do Sumbe que, dos 28 presbíteros ordenados no seu Jubileu dos 50 anos – cujo lema é "O evangelizado evangeliza" –, enviou 12 padres em missão (2 para o Brasil, 6 para Portugal, 2 para



▲ **Diante dos grandes desafios que a jovem nação enfrenta, a esperança é vivida no meio de uma luta perseverante, ancorada na certeza, garantida pelo Espírito que nos foi dado pelo amor de Deus**

a diocese do Luena, Angola, 1 para a Itália e 1 para a diocese de Viana, Angola), num sinal claro de comunhão e de fraternidade. Estes enviados vão reacender a esperança a um povo que anda desanimado, sedento da Palavra de Deus, partilhando as suas alegrias e as suas esperanças. Estes missionários de esperança partem para celebrar a misericórdia e o amor de Deus, para alentar aqueles que os irão acolher na sua peregrinação terrena, confiantes de que, colocando a nossa esperança em Deus, Ele há-de transformar os nossos corações.

Diante dos inúmeros desafios que a Igreja em Angola enfrenta, como os casos de famílias desestruturadas devido à precária situação social, o crescimento exponencial das seitas – que constituem, de certa forma, uma sombra ao crescimento do catolicismo –, esta esperança é vivida no meio de uma luta perseverante, ancorada na certeza, garantida pelo Espírito que nos foi dado pelo amor de Deus. Perante todos estes acontecimentos, desafios e incertezas, a Igreja católica angolana vive o duplo Jubileu com vivacidade, partilhando com todos a esperança de uma nação e de um mundo melhor. •

A Igreja Católica, inspirando-se na mensagem do Jubileu da Esperança, tem sensibilizado e provocado as comunidades cristãs e a sociedade civil angolana a promover a fraternidade, reconhecendo as diferenças de pensamento (...).



▲ **Motociclista a passar um tronco a arder no meio da estrada, durante os tumultos causados pela greve dos taxistas, em Angola, no final de julho deste ano**



EPA/Lusa

Angola: 50 anos de Luzes e Sombras

Pe. Adelino Simões: «Fui com tudo o que tinha»

No jubileu dos 50 anos da independência de Angola, a Boa Nova entrevistou o Pe. Adelino Fernandes Simões, missionário da Boa Nova no país durante 18 anos, para onde foi enviado após o 25 de Abril de 1974. Destinado à Paróquia/Missão de Viana, cidade-satélite de Luanda, mesmo sozinho, manteve-se ao lado do povo e das comunidades em crescimento, atormentadas pela violenta guerra civil que marcou o período pós-independência, onde foi uma voz incómoda. Assumiu por missão resgatar do esquecimento as vidas ceifadas pela arbitrariedade dos membros dos movimentos políticos em conflito, entre eles o Pe. Manuel Armindo Lima, primeiro mártir da SMBN, e os três catequistas que o acompanhavam, mortos num ataque em 3 de fevereiro de 1982. O Pe. Adelino deixa transparecer uma grande estima por este povo, que guarda no seu coração e a quem deu tudo o que tinha.

◊ **Eva Dias e Pe. Rui Ferreira**

Boa Nova (BN): O Pe. Adelino chegou a Angola em 20 de dezembro de 1974. Num período de grandes incertezas, como encarou a nomeação?

Pe. Adelino Simões (PAS): Aceitei sem qualquer problema; mas quero lembrar um pormenor: o Superior Geral, Pe. Manuel Castro Afonso, nomeou-me, primeiro, para Moçambique; mas aconteceu que o Pe. António Tavares Martins, que se encontrava em Viana, teve de regressar a Portugal; então, fui nomeado para Viana. E fui com tudo o que tinha.

BN: Trabalhou com o Pe. Albano Mendes Pedro até fevereiro de 1977, quando este foi nomeado pároco de Santa Ana. Que Angola encontrou quando chegou ao território? E como foi a integração numa nova realidade geográfica e cultural?

PAS: Encontrei uma Angola ainda "colonial", mas com muita gente já a preparar as malas para deixar o país, na incerteza



▲ **Igreja da Paróquia/Missão de Viana nos anos 70 do século XX. Durante 22 anos (1971-1993), os Missionários da Boa Nova estiveram à frente dos destinos da missão, 18 dos quais com o Pe. Adelino Simões como pároco**



Fotos: Arquivo Fotográfico SMBN

▲ **No período pós-independência, as Irmãs Mercedárias da Caridade colaboraram no crescimento da vida paroquial das comunidades, assim como os leigos. A Irmã Teresa António da Costa (3.ª à dir. do Pe. Adelino Simões) foi destacada para acompanhar o missionário da Boa Nova nas deslocações às comunidades de Viana**

do que iria acontecer.

A integração, para mim, foi sem qualquer problema. Passados oito dias, já me sentia incapaz de recuar. O Pe. Albano Mendes Pedro era o pároco e eu o seu coadjutor.

Aconteceu que Viana, uma vila industrial construída de raiz, na altura da Independência, ficou vazia de gente. Os portugueses regressaram a Portugal, e os trabalhadores, vindos de outras províncias de Angola, sobretudo do Sul, regressaram às suas terras. A Paróquia de Santa Ana, em Luanda, encontrava-se sem padre. Então D. Muaca, Arcebispo de Luanda, pediu ao Superior Geral, Pe. Manuel Castro Afonso, que se encontrava em Viana em visita aos padres da SMBN, se nos podia repartir. E assim foi: o Pe. Albano foi nomeado pároco de Santa Ana e eu seu coadjutor, e eu fui nomeado pároco de Viana e o Pe. Albano meu coadjutor. Isto aconteceu no 1º domingo da Quaresma de 1977. Mais tarde o Pe. Albano voltou para Viana como meu coadjutor, mas já como Vigário-Geral da Arquidiocese de Luanda. Foi excecional estar com ele!

BN: Na independência do país, em 11 de novembro de 1975, quais eram as principais aspirações e receios da população, da Igreja e dos missionários?

PAS: Em Angola, como é sabido, havia três movimentos políticos rivais: a FNLA, o MPLA e a UNITA. Aconteceu que a primeira ação do MPLA foi expulsar de Luanda a FNLA. Houve um tempo de combates violentos, semanais. E o povo do Norte – os Kikongo – deixou Luanda de modo aflitivo. A UNITA não tinha expressão "armada" em Luanda. A Independência foi proclamada em Luanda, no Huambo e no Uíge. Daí toda a incerteza da guerra civil que se anunciava... e os jovens que começaram a ser "caçados" para a guerra.

A nível de Igreja, a seguir ao 25 de abril, aconteceu a tentativa de desacreditar a Igreja católica e a fé cristã. Cheguei a ouvir, na rádio: "Já nos libertamos da Espada falta libertarmo-nos da Cruz"; "Não queremos a Lei do Monte Sinai; queremos o socialismo científico".

Por seu lado, as Testemunhas de Jeová aproveitaram-se deste tempo para confundir os cristãos com a sua doutrina e profecias. Para defesa dos cristãos contra as Testemunhas de Jeová, fiz o livro "Os cristãos perguntam".

Para os que apareciam a pedir os sacramentos, esta foi a minha decisão: temos de preparar bem, com uma boa iniciação cristã, os que querem ser cristãos. Lancei-me na implementação do catecumenato, segun-



▲ **O Pe. Adelino Simões no funeral do Pe. Manuel Armindo de Lima e companheiros assassinados (6 de fevereiro de 1982). O ataque de que foram vítimas tinha por alvo o Pe. Adelino. Estando ausente da paróquia a participar no retiro anual dos membros da SMBN, em Vila Nova de Seles, o Pe. Armindo de Lima, recém-chegado, substituiu-o no trabalho pastoral das comunidades de Viana. Foi morto quando se deslocava para as catequeses nas comunidades de Sapu e Bita.**

do o RICA (Ritual da Iniciação Cristã de Adultos). E surgiu a necessidade de elaborar textos (catecismos) para tal. Foi uma tarefa árdua, mas apaixonante. Era preciso começar de novo...

BN: A guerra civil e a chegada de populações de várias zonas de Angola para Viana foram desafiantes, sobretudo quando se encontrava sozinho na paróquia. Onde encontrou apoio para o intenso trabalho pastoral com o enorme crescimento das comunidades?

PAS: A seguir à Independência, os que regressavam e as multidões que vinham fugidas da guerra agrupavam-se por afinidade. Os de longe do centro paroquial, em Viana, formaram comunidades com culto ao domingo e com presença do padre para a eucaristia. Os de perto formaram grupos de oração, com reunião semanal e culto na igreja paroquial. Os padres do Seminário de Luanda celebravam na comunidade do Km 9.

Em Angola, há muitos povos e muitas línguas, assim foi possível cada um ter um tempo para rezar e cantar na sua própria língua.

A presença semanal, à noite, nos "grupos de oração" foi um esforço muito grande. Colaboraram neste esforço, com muita generosidade e sacrifício, os casais Maria Adriano e Justino Cambila, e Sabina Tuluka e Bartolomeu Coleco.

As Irmãs Mercedárias da Caridade deram também um grande apoio no centro da paróquia e nas comunidades de longe.

BN: Posteriormente, são nomeados vigários paroquiais de Viana o Pe. Albano Mendes Pedro, o Pe. Orlando Martins e o Pe. Delfim Pires. Em finais de 1981, a equipa é reforçada com o Pe. Manuel Armindo de Lima. Porém, no seu primeiro trabalho pastoral, o jipe onde seguia com seis leigos a caminho de Sapu e Bita, é atacado. Foram mortos o Pe. Lima e três catequistas, ficando outros ocupantes feridos. Como é que este acontecimento moldou a sua forma de ser e de estar enquanto missionário?

PAS: Eu continuei igual. Mas houve consequências. A primeira foi a de não podermos estar presentes nos grupos de oração à noite; da parte das Irmãs Mercedárias da Carida-



▲ **O Pe. Adelino Simões, acompanhado do Valente António, sobrevivente do ataque de 3 de fevereiro de 1982, mostrando aos Bispos de Angola o local onde foram lançados os corpos do Pe. Lima e da catequista Carmita, assinalado com ramos, mais tarde assinalado com cruzes de madeira**

de houve um certo recuo nas deslocações; mas continuei com os leigos.

O que mais me afetou foi a pressão que alguém exerceu sobre mim para sair de Viana, o que para mim era um absurdo. Fiquei, mas a luta que tive de travar foi muito desgastante.

BN: No livro "Paróquia/ Missão de Viana. Diocese de Luanda (1971-1993)", editado por si, em 2022, traça de forma muito clara e direta os sangrentos acontecimentos que assolaram Viana desde 31 de outubro de 1992, com o fuzilamento sumário de várias pessoas, revelador da escalada de violência decorrente das eleições gerais de Angola. O Pe. Adelino foi a voz que não deixou cair no esquecimento as vidas ceifadas nessa "caçada" ao adversário político, apresentando, na medida do possível, a verdade dos factos. Nesses momentos, sentia que corria perigo, ou assumiu essa missão de forma confiante, independentemente do resultado que poderia advir?

PAS: Sim, senti que corria algum perigo, mas ao mesmo tempo sentia-me seguro. Essa mortandade que começou no dia 31 de outubro de 1992, pelas 18h30, sábado, véspera do dia de Todos os Santos, se não fosse a carta, "Apelo aos cristãos e aos homens de boa vontade", de D. Damião Franklim, Bispo Auxiliar de Luanda, que está na página 82 do livro, hoje, dir-se-ia que o que eu escrevi era uma falsidade. O clamor foi enorme! Na reunião dos consultores e dos párocos com D. Franklim, todos apresentavam os casos mais horrendos. E foi em nome de todos, que ele escreveu o "Apelo aos cristãos e homens de boa vontade", para ser lido no Domingo, dia 8 de novembro. Todos estávamos atónitos. Eu fui à polícia várias vezes. Mas a polícia nada podia fazer. Era o "partido" a atuar.

Muitos tiveram de se refugiar nas matas. Nas missas, recebia papelinhos com pedidos de ajuda. Eu seria o único que poderia fazer alguma coisa... Recolhi toda a informação possível e escrevi o "Documento Informativo". Entreguei uma cópia ao Comissário, outra ao Pe. Orlando, como meu Superior e outra a D. Franklim. E este "Documento" espalhou-se por toda a parte, mesmo a nível internacional. Não sei como! O problema foi quando este "Documento Informativo" foi publicado no jornal "Correio da Semana", em Luanda.

BN: A denúncia dos violentos acontecimentos de Viana acabou por resultar na sua ordem de saída da paróquia e do país, transmitida pessoalmente pelo Cardeal D. Alexandre do Nascimento. Saiu do país a 17 de novembro de 1993. Como sentiu esta separação forçada da missão à qual dedicara 18 anos de vida?

PAS: A intenção do "Documento" não era provocar escândalo ou acusar, era simplesmente informar e proteger. Acontece que, depois de ser publicado no jornal, as coisas mudaram. O Cardeal queria que eu deixasse a paróquia de Viana logo a seguir à Páscoa.



▲ **Pagela da oração a pedir a beatificação do Pe. Lima e companheiros mártires, editada pelo Pe. Adelino Simões, em 2025, com aprovação eclesiástica de D. Joaquim Ferreira Lopes, bispo emérito de Viana**



▲ **Capa da Boa Nova de julho de 2018, com fotografia do Pe. Adelino Simões na celebração da Eucaristia no cemitério de Viana, pelo primeiro aniversário do martírio do Pe. Manuel Armindo Lima e companheiros**

Mas ainda fui ficando.

Respondendo à questão, como me senti? Senti-me arrancado dali! Embora houvesse um tempo de interiorização, tive de largar tudo! Quando, em 21 de julho, o Senhor Cardeal me informou que deveria deixar a paróquia (e Angola) durante o mês de setembro, só me interrogava: como vou dizer aos cristãos que me vou embora?

Mas tudo se resolveu do modo mais simples. No dia 25 de julho, Domingo, dia de Santiago, junto ao controlo da Estrada de Catete (entrada de Luanda), sofri um gravíssimo acidente. Acidente de morte. Mas não morri; ainda aqui estou.

BN: Em agosto de 2010 regressou a Viana, a convite das Irmãs Mercedárias da Caridade, a celebrar 50 anos de presença no país. Como foi rever as pessoas e as comunidades que tinha servido como missionário? Que realidade encontrou?

PAS: Em 2010, fiquei admirado como tudo crescia. Viana já era diocese e o bispo era D. Joaquim Ferreira Lopes. Foi muito agradável encontrar o que tinha deixado e como tudo crescia. Visitei todos os lugares.

Quanto à morte do Pe. Lima e companheiros, senti que ninguém do clero queria "sujar as mãos" com o que havia acontecido. Senti frieza da parte do bispo e do clero.

Regressei a Viana, em janeiro deste ano, 2025, para lá estar presente no dia 3 de fevereiro, na nova Igreja de Nossa Senhora Rainha dos Mártires. Tinha de lá voltar antes de morrer! Fui bem acolhido. Encontrei uma grande frequência cristã!

BN: E a evolução do país. O que sentiu, o que viu?

PAS: Bom, no aspeto cristão, a Igreja em Angola ainda não tem um catecismo; muitos ainda estão a servir-se do que fiz e deixei. Até quando? Nos aspetos social, político e económico, Luanda, a capital, é uma "bomba" que pode explodir a qualquer momento.

BN: Angola está a celebrar 50 anos de independência. Depois do sofrimento e dores de crescimento provocados pela guerra civil, quais os passos necessários para o efetivo amadurecimento do país?

PAS: Eu não vejo – acho que ninguém vê! – solução para a situação do país, nos aspetos político e social. O povo de Angola era e é espetacular, generoso, bom. Mas a situação é um autêntico barril de pólvora, sobretudo em Luanda. A marginalidade e o crime têm terreno propício para prosperar. O grande mal de Angola é a ilusão da riqueza! É um país rico, em petróleo, em diamantes, em tudo; mas com muita pobreza.

BN: Para concluir, é possível uma mensagem de esperança? É possível vislumbrar esperança?

PAS: Esperança, sim; mas só com honestidade e sinceridade política. •

Jubileu dos 50 Anos da Diocese do Sumbe

◊ **Pe. Augusto Farias, Missionário da Boa Nova**

Tive a graça de há cinquenta anos assistir ao nascimento e ajudar a dar os primeiros passos da diocese de Novo Redondo, hoje Sumbe, em Angola – a primeira a ser criada no final da era colonial. Cinquenta anos depois, no dia 10 de agosto, participei com alguns dos seus cabouqueiros, no seu jubileu de ouro. Foi uma festa imensa, com muitos milhares de pessoas vindas de toda a diocese, que se juntaram para celebrar um verdadeiro milagre de vida e missão realizado por Deus nestas terras do Kuanza Sul, com a colaboração de muitos homens e mulheres: bispos, padres, religiosos e leigos, alguns dos quais deram a sua vida, até ao martírio, por esta Igreja.

Esta diocese, criada pelo Papa Paulo VI a 10 de agosto de 1975, nasceu no meio da crise e do sofrimento. Na tomada de posse, D. Zacarias Kamwenho, seu primeiro bispo, vindo de Luanda numa pequena avioneta, onde era bispo auxiliar, foi recebido no aeroporto de Novo Redondo por um pequeno grupo de cristãos: alguns colonos, a pensar na fuga, outros naturais da terra, com muita esperança, porque o clero, religiosas e leigos da restante diocese não puderam marcar presença, encontrando-se isolados pela guerrilha entre os três movimentos de libertação na luta pelo poder.

Dos 23 padres que havia no final do tempo colonial ficaram apenas 7, todos eles isolados e sem qualquer comunicação. Havia apenas 2 padres diocesanos, um dos quais acabado de ordenar. A luta pelo poder, as convulsões sociais, a presença de russos e cubanos por um lado, e de sul africanos por outro, criaram uma ameaça de guerra e de destruição que não permitia qualquer movimentação para se organizar fosse o que fosse. O novo bispo nada sabia do que se passava com os seus missionários. O primeiro encontro só foi possível a 19 de março de 1976, na casa episcopal. Pela primeira

vez, juntaram-se quase todos, menos o Pe. Teodoro Peters, espiritano holandês, preso na cadeia do Wako Kungo. Foi um reencontro entre irmãos e o início duma verdadeira epopeia, que o tempo e o compromisso de todos vieram a tornar possível. Aí se definiram as primeiras linhas de ação, tomadas a partir da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, acabada de publicar pelo Papa Paulo VI (8 de dezembro de 1975). Marcou-se a primeira sessão de estudo do documento e apontou-se para o lançamento do "Ondjango" como força aglutinadora da vida pastoral a todos os níveis.

A opção marxista do novo governo veio trazer alguns entraves e reveses à ação pastoral, por um lado; por outro lado, ajudou a forjar, na clandestinidade, um grande compromisso por parte de muitos cristãos e a gerar uma nova maneira de ser Igreja. Foi daí que nasceu o catecismo da mamã, as catequeses do quintal, a corresponsabilidade na condução das pequenas comunidades e a gestão responsável dos bens comuns. Esses foram os primeiros passos dados, que se tornaram no alicerce do que é hoje a diocese do Sumbe.

Vieram, a partir de 1978, as primeiras assembleias diocesanas de pastoral, a opção pelo "Ondjango" como forma de dinamizar a vida pastoral, o estudo sistemático anual dos temas candentes da vida da Igreja – *Catechesi Tradendae* (1979), *Laborem Exercens* (1981), e outros documentos de João Paulo II –, o caderno para a celebração do culto na ausência do sacerdote, o ritual das exéquias para uso dos catequistas, os encontros com jovens, os encontros vocacionais nas paróquias, para obviar as rusgas dos seminaristas para a tropa... E, assim, as comunidades foram-se estruturando, com o apoio dos movimentos de apostolado dos leigos, que foram crescendo e diversificando-se. O milagre foi acontecendo.

A celebração de 10 de agosto de 2025 foi o desaguar dum mar imenso de iniciativas, projetos, associações, grupos e movimentos que se foram formando ao longo destes 50 anos. D. Zacarias Kamwenho, também presente nesta celebração, depois arcebispo do Lubango, agora emérito, lançou os fundamentos sólidos desta Igreja particular que se



Fotos: Diocese do Sumbe

▲ **D. Zacarias Kamwenho, primeiro bispo do Sumbe, definiu as primeiras linhas de ação a partir da *Evangelii Nuntiandi* (S. Paulo VI) e apontou o "Ondjango" como modelo da vida pastoral na diocese**



Boa Nova

▲ **Ordenação do Pe. Eduardo Daniel, primeiro Missionário da Boa Nova natural de Angola, no Sumbe, em 21 de maio de 1994**



▲ **Prova da maturidade da diocese do Sumbe, na celebração dos 50 anos, foram ordenados 28 sacerdotes**

Arquivo Fotográfico SMBN



▲ **Celebração dos 500 anos da Evangelização de Angola, na catedral do Sumbe, em 24 de novembro de 1991**

tornou uma referência em todo o país. Vieram depois D. Benedito Roberto, de feliz memória, e D. Luzizila Kiala, ambos arcebispos de Malange, que deram seguimento ao trabalho iniciado e abriram novas perspetivas.

O ponto central da celebração foi a ordenação de 28 novos presbíteros desta diocese, que, além do seminário médio, tem os seminários de filosofia e teologia, que albergam seminaristas de outras dioceses. Ao longo destes cinquenta anos, aqui formaram-se para a diocese e outros institutos mais de 100 padres e 150 religiosas, sem contar com centenas de leigos que, em todas as paróquias, asseguram a liderança de secretariados e comissões dos mais variados setores da pastoral. Podemos dizer que se tornou numa Igreja madura, que caminha com os próprios pés. Esta celebração foi a revelação duma vida que se foi forjando, mesmo no meio de contradições e crises, que agora se tornou adulta na fé, ao ponto de poder enviar alguns dos seus filhos para outros campos de missão.

Esta celebração jubilosa não pode ser apenas um ponto de chegada, mas deveria ser uma oportunidade para um relançamento pastoral porque há ainda muito a fazer em vários domínios da vida cristã, social, associativa e de compromisso político, no meio dum povo que passa por inúmeras privações e sujeito a muitas arbitrariedades, onde a Igreja é chamada a ser sentinela vigilante na sua defesa. Assim vale a pena celebrar o jubileu. •

50 anos de independência de Angola: voz de um jovem missionário

◊ **Fabiano Sakalukango, Missionário da Boa Nova**

Fabiano Sakalukango oferece-nos a sua visão sobre a sua pátria, no cinquentenário da sua independência. Este jovem missionário da Boa Nova vê um país cheio de riquezas, onde, porém, os bens são injustamente repartidos. A desigualdade e a injustiça social são fonte de conflitualidade, deixando a maioria, principalmente os mais jovens, excluídos e frustrados com o rumo do seu próprio país. Este cenário mina por dentro o desenvolvimento harmonioso desta jovem nação.

Não esperem de Fabiano Sakanumba Sakalukango Sakalinha um discurso incoerente sobre os 50 anos de independência de Angola. A verdade é que, em Angola, nunca houve paz plena; o que existe é pobreza intelectual e falta de vontade política. Meio século depois da proclamação da independência, o país chega a 2025 com um perfil histórico denso: a luta contra o colonialismo, a proclamação da liberdade e a longa guerra civil marcam a memória coletiva. Contudo, quando hoje se fala em independência, o jovem angolano já não pensa em armas ou trincheiras. Pensa em emprego, pão na mesa, escola para os filhos, hospitais que funcionem e liberdade efetiva. Refletir sobre os 50 anos de Angola é questionar que tipo de independência temos vivido e o que significa ser livre numa nação com tantos recursos e tantas carências.

Os primeiros partidos, MPLA (1956), FNLA (1954) e UNITA (1966), surgiram como símbolos de libertação, mas também se tornaram responsáveis por divisões internas. A guerra foi mais política do que ideológica e deixou Angola refém de disputas que beneficiaram elites, enquanto destruía o tecido social e atrasava o desenvolvimento do país. Assim, meio século após a independência, Angola vive um paradoxo: é



EPA/Lusa

▲ **«Quando hoje se fala em independência, o jovem angolano já não pensa em armas ou trincheiras. Pensa em emprego, pão na mesa, escola para os filhos, hospitais que funcionem e liberdade efetiva»**

um dos países mais ricos em recursos naturais e, ao mesmo tempo, um dos que mais sofre com a pobreza e a desigualdade. A realidade traduz-se numa economia dependente, em infraestruturas modernas com serviços precários, democracia líquida e desigualdade social gritante.

É verdade que a paz trouxe estabilidade militar, mas não justiça social. Hoje, sinto que Angola trocou a guerra das balas por uma "guerra invisível" contra a fome, o desemprego e a exclusão. Com mais de 60% da população abaixo dos 25 anos, a juventude deveria ser o motor de renovação, mas continua a ser a camada mais afetada pelo desemprego, pela falta de oportunidades e pela marginalização política. Os 50 anos de independência de Angola representam uma mistura de orgulho e decepção. O verdadeiro desafio já não é evitar a guerra, mas construir um Estado que sirva todos e não apenas alguns. O cidadão angolano sabe que não se come paz nem se paga a escola dos filhos com independência. São precisas políticas públicas sérias, combate à corrupção e aposta na juventude como força de transformação.

O passado revela uma nação forjada pela luta; o presente mostra avanços, mas também limitações e contradições; o futuro dependerá da capacidade da juventude de transformar desafios em oportunidades. Basta observar o fluxo de emigrantes: milhares de jovens fogem em busca daquilo que o seu país deveria garantir. Em Angola, a esperança morre antes de nascer. Não é uma meta, como ensinou São Paulo, em Romanos 5,5; aqui, a esperança é muitas vezes transformada em ganância, frustração e desencanto. De que vale, então, celebrar 50 anos de independência sem vontade política? Como dizia Fridolin Kamolakamue: "somos jovens que nascemos sem pedir, mas morreremos apenas por pedir um país melhor". Em Angola, morrer é uma profissão e roubar tornou-se uma virtude. •

Partilha de Fé e de cultura em Angola, uma experiência

Após cinco meses em Angola, a viver com os Missionários da Boa Nova, na Gabela, Diocese do Sumbe, D. Manuel Felício partilha a experiência sempre rica e única de viver a mesma fé numa cultura diferente. É o processo de encarnação (ou inculturação) a que todo o discípulo missionário se deve submeter se deseja partir e partilhar o Evangelho com outros povos.

◊ **D. Manuel da Rocha Felício**
Bispo-emérito da Guarda

Pediram-me para partilhar a minha experiência de 5 meses vividos na Angola profunda. Estou a procurar que seja uma partilha de Fé e de cultura, dentro do espírito de missão que para aqui me encaminhou. Antes de mais, tem sido uma partilha da Fé no mesmo Jesus Cristo, que é de ontem, de hoje e de sempre. E posso dizer que tenho aprendido com a forma simples, espontânea e muito viva de viver a relação com a Pessoa de Jesus e com o Evangelho que por aqui vou encontrando.

A propósito do Evangelho, posso dizer que tenho aprendido com a visibilidade que aqui é dada à Palavra de Deus, nas assembleias celebrantes. Qualquer celebração mais cuidada envolve geralmente a chamada entronização da Palavra, com palavras, gestos, cânticos e sobretudo danças que apontam para a centralidade da Palavra de Deus na vida das comunidades e tendo em vista o bem da própria sociedade em geral.

Também estou a aprender com as assembleias celebran-

tes nas comunidades locais, que, logo ao romper da aurora, se apresentam, sempre em grande número, para celebrar a Eucaristia, acrescentando, geralmente, antes ou durante, a Hora Litúrgica de *Laudes*.

Estou a aprender com aqueles e aquelas que, tendo tido atitudes públicas geradoras de escândalo, aceitam um tempo de penitência, fora dos atos litúrgicos da comunidade, para, depois da conversão e com provas dadas, serem, de novo recebidos, em festa, na comunhão da Igreja. E tanto isto é levado a sério que, juntamente com tempos para atender de confissão, a Paróquia afixa também os tempos com disponibilidade do sacerdote para a escuta, sem confissão sacramental. O juízo último sobre o regresso do penitente à plena comunhão da Igreja é sempre da comunidade, através dos seus responsáveis.

Estou a aprender também com a centralidade da catequese e dos catequistas, na vida das comunidades. Desde há muito, ouvimos dizer que, em África, o catequista tem tido papel determinante na vivência da Fé e que muitas comunidades mantiveram a sua Fé, graças ao trabalho discreto e muitas vezes arriscado, sobretudo em tempos de guerra, dos seus catequistas. E sem dúvida que o modelo de catequista há muito experimentado em África, que



jornal "A Guarda"

▲ **Em abril, D. Manuel Felício partiu para Angola para trabalhar na reativação do Centro de Espiritualidade da Missão D. João de Oliveira Matos, na Kilenda, Diocese de Sumbe**

não só responde pelo ensino, mas também pelos outros aspetos da vida comunitária, terá inspirado o Papa Francisco na redação da "Antiquum Ministerium". Vejo, aqui e agora, que há razão para isso, tendo em conta sobretudo a figura do "Catequista Visitador", que é verdadeiro "diácono" ao serviço das comunidades, geralmente as da mesma zona pastoral.

No que à partilha de cultura diz respeito, tenho feito algum esforço de inculturação. Assim, é verdade que falamos a mesma língua, mas nem sempre a mesma linguagem, pois não só as palavras às vezes têm sentidos diferentes, mas também o modo de as dizer e os gestos que as acompanham, assim como outras ressonâncias acrescentam significados, que imediatamente não captamos.

Cultura são também os hábitos alimentares e tenho de confessar que aqui a inculturação tem sido para mim mais difícil, mas felizmente já fiz algum caminho, a ponto de conseguir adaptar-me no essencial.

O que mais diretamente me trouxe para Angola foi a reativação de um Centro Missionário, que, em 2012, a Diocese da Guarda aqui inaugurou, com a minha presença, mas depois a pandemia obrigou a encerrar. Vim para aqui com mandato do meu sucessor e estou a verificar que o modelo tradicional da Missão, administrada por estrangeiros, que nós também idealizámos, passou ou está a passar. As missões tradicionais estão a ser transformadas em Paróquias e entregues ao clero local, o que se compreende, pois por aqui falta de Padres é o que parece não haver. Dou como exemplo a Ordenação Sacerdotal conjunta de 28 novos Padres, no passado dia 10 de agosto, todos para o Presbitério desta Diocese. E, por isso, no final da celebração, o Bispo Diocesano local anunciou a saída de 12 dos seus padres em missão. •

Um gesto, um dom, uma oblação.
Um pouco de vida nossa a favor da vida dos outros.

FUNDOS PERMANENTES:

03. Fundo para Catequistas

"Renovo a todos o convite à oração, ao compromisso de ajuda fraterna e concreta em apoio às jovens Igrejas, não obstante as dificuldades económicas. Tal gesto de amor e de partilha, implementado pelo precioso serviço das Obras Missionárias Pontifícias, às quais manifesto a minha gratidão, vai ajudar à formação dos sacerdotes, seminaristas e catequistas nas distantes terras de missão e dar coragem às jovens comunidades eclesiais." ***Bento XVI***
Total acumulado este ano: 40,00 €

32. Assinantes Países Lusófonos (APL)

Pretendemos facilitar e ajudar os nossos irmãos dos países que falam português e não podem assinar a revista. Seria uma ajuda para poderem ler a Boa Nova: seminaristas, leigos, animadores de comunidade, leitores, acólitos e muitos outros. Pretendemos mandar a revista para Centros de Paróquias ou Missões.
Total acumulado este ano: 84,00 €

FUNDOS TEMPORÁRIOS:

93. Ensina-nos a rezar

A comunidade dos Missionários da Boa Nova de Nametil, com o Pe. Valdemar e o Pe. Luciano, atende 230 comunidades, com 70 mil cristãos e 15 mil catecúmenos, numa área muito vasta. O programa pastoral para o próximo triénio visa dar formação aos muitos agentes pastorais, desde a catequese à preparação litúrgica.
Pretendemos apoiar com 6.000,00 €.
Em setembro recebemos: Maria Eduarda Rocha Martins, Vagos, 126,00 €.
Total acumulado: 4.969,42 €

94. Doces corações

A paróquia do Sagrado Coração do Chibuto, Diocese de Xai Xai, aos cuidados dos Missionários da Boa Nova, através da Cáritas Paroquial tem identificado várias mulheres e seus filhos portadores de VIH sida. Para além da doença, estão sujeitos ao estigma da marginalização. Para apoiar estas 40 mães e seus filhos, o Pe. Constantino Hatende e o Ir. Edgar Marques pedem a nossa ajuda para aquisição de medicamentos e alimentação.
Pretendemos apoiar com 5.000,00 €.
Em setembro recebemos: Maria Eduarda Rocha Martins, Vagos, 126,00 €.
Total acumulado: 4.419,13 €

95. Grão de Trigo

A Paróquia Maria Auxiliadora fornece assistência social e cuida através da Cáritas de várias crianças órfãs e abandonadas em dois centros da Paróquia situados em alguns dos bairros mais carenciados da cidade de Pemba: Cariacó e Natite.
A maioria destas crianças provem de famílias deslocadas pelos ataques a Cabo Delgado, e são crianças portadoras de VIH, lepra ou outras doenças crónicas. Pretende-se dar assistência social, educativa e alimentar a 100 crianças.
Pretendemos apoiar com 6.000,00 €.
Em setembro recebemos: Maria Conceição Rodrigues Freitas, Lisboa, 50,00 €; Raul Gonzalez Benito, Lisboa, 60,00 €; Maria Eduarda Rocha Martins, Vagos, 128,00 €.
Total acumulado: 2.363,00 €

96. Dar de beber a quem tem sede

Este projeto propõe-se a ajudar o seminário da Boa Nova em Viana, Angola. Nesta casa de formação vivem 22 seminaristas de Filosofia que subsistem, em parte, do seu trabalho: criação de animais e do quintal, com apoio dum furo de cerca de 200m de profundidade. A eletrobomba queimou e os técnicos locais não conseguiram tirá-la e o furo ficou inoperante, pondo em risco sustento do seminário. Um novo furo custa 25.000€. A revista Boa Nova, com apoio dos seus assinantes, amigos e benfeitores propõe-se ajudar com 6.000€.
Total acumulado: 1.415,00 €

O valor das BOLSAS DE ESTUDO é de 750,00 € com direito a Trintário Gregoriano
(cujo estipêndio é, agora de 350,00 €), após o falecimento do Benfeitor.

Registamos com gratidão as ofertas que nos chegaram durante o mês de setembro de 2025 destinadas a Bolsas de Estudo.

O QUE É UMA BOLSA

É um determinado capital (na Sociedade Missionária da Boa Nova 750,00 Euros), doado de uma só vez ou aos poucos, cujo rendimento se aplica a ajudar a formação de um missionário. Os fundadores, que podem escolher o título da Bolsa, são AMIGOS DA SOCIEDADE MISSIONÁRIA.

PELOS FUNDADORES

Todos os dias se reza nos Seminários da Sociedade. Por ocasião dos Fiéis Defuntos, todos os sacerdotesda Sociedade celebram uma missa por suas intenções.
Uma "Bolsa de Estudos" completa dá direito à celebração de um Trintário logo que se tenha conhecimento do falecimento da pessoa.

Setembro:

S. JOSÉ E MARIA
M. CIDÁLIA ALMEIDA F./GUARIM J. FRAGOSO.....30,00 — 485,00
SANTA LUZIA E SÃO BRÁS
MARIA AIDA PINHEIRO C. TAV. FREITAS.....20,00 — 590,00
P. MANUEL TRINDADE
BRUNO RAFAEL, FRANCISCA, MARTIM, T., P.....20,00
ARISTIDES PRATA
MARIA EMÍLIA G. F. MACHADO PRATA.....100,00 — 650,00
SANTO ANTÓNIO
MARIA ALICE CORREIA PINHO GOMES COSTA....20,00 — 85,00
CORAÇÃO DE JESUS
MARIA EUGÉNIA TAVARES COSTA.....25,00 — 210,00
M. FÁTIMA FERREIRA CARDOSO
ANTÓNIO MARQUES MATOS.....750,00
SÃO JOÃO BAPTISTA
MANUEL ALMEIDA PINHO.....750,00
S. JUDAS TADEU
MARIA ROSA OLIVEIRA ALMEIDA.....750,00

TOTAL: 2.465,00 €

Ajude a formar um missionário

CONTACTE: COOPERAÇÃO MISSIONÁRIA –
Bolsas de Estudo – Apartado 40 – 3721-908 VILA DE CUCUJÃES

PUB

CLÍNICA MÉDICA
Dr. José Belmiro, L.da
Dr.ª Adelaide Costa
PSIQUIATRIA
DOENÇAS NERVOSAS
* CLÍNICA DENTÁRIA
* CLÍNICA GERAL
* ANÁLISES CLÍNICAS
* ESPECIALIDADES MÉDICAS

Contratos com:
* MULTICARE
* C. M. OL. AZEMÉIS
* C. M. S. J. MADEIRA
* EDP * MÉDIS * ACASA
* MINISTÉRIO JUSTIÇA
* C. G. DEPÓSITOS
* SAMS-ADVANCE CARE
* CTT * TELECOM
* MODELO * FEIRA NOVA
* PINGO DOCE
* NESTLÉ * LACTOGAL
* CIMPOR * TRECAR

DEPARTAMENTO DE IMPLANTES DENTÁRIOS E ORTODONTIA:
- IMPLANTES DE ELEVADA QUALIDADE A PREÇOS ACESSÍVEIS
- TRABALHOS COM GARANTIA
- FACILIDADE DE PAGAMENTO
- ORÇAMENTOS GRATUITOS

Rua 5 de Outubro, 395-2 S. JOÃO DA MADEIRA **Telef.: 256 827 477**
Rua Elias Garcia, 140-1.º OVAR **Telef.: 256 575 509**
Rua das Lagomas S. ROQUE **Telef.: 256 872 898**
Centro Comercial Camões - Loja 1.7 OLIVEIRA DE AZEMÉIS **Telef.: 256 681 759**

CONSULTAS ATÉ ÀS 20H00 E AOS SÁBADOS TODO O DIA

Vínculos que não se rompem

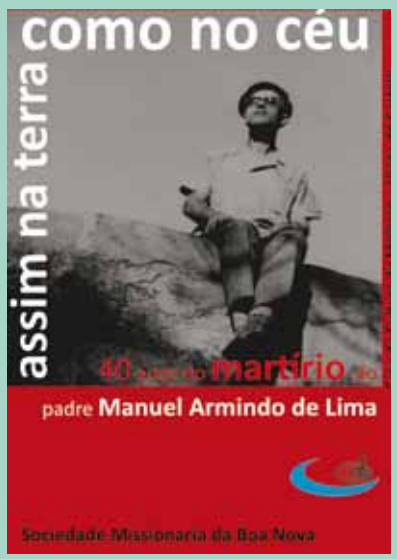
◊ **Pe. Augusto Farias**
Administrador da Boa Nova

Há laços familiares que se quebram pela morte dum familiar, ou por causa de heranças, quezílias e de outros interesses pessoais. Mas, pelo contrário, há vínculos que se criam pela morte dum amigo ou familiar e que nunca mais se rompem. A morte não vem quebrar relações, mas fortalecê-las ainda mais. A morte não separa. Une o que não se conseguiu em vida.

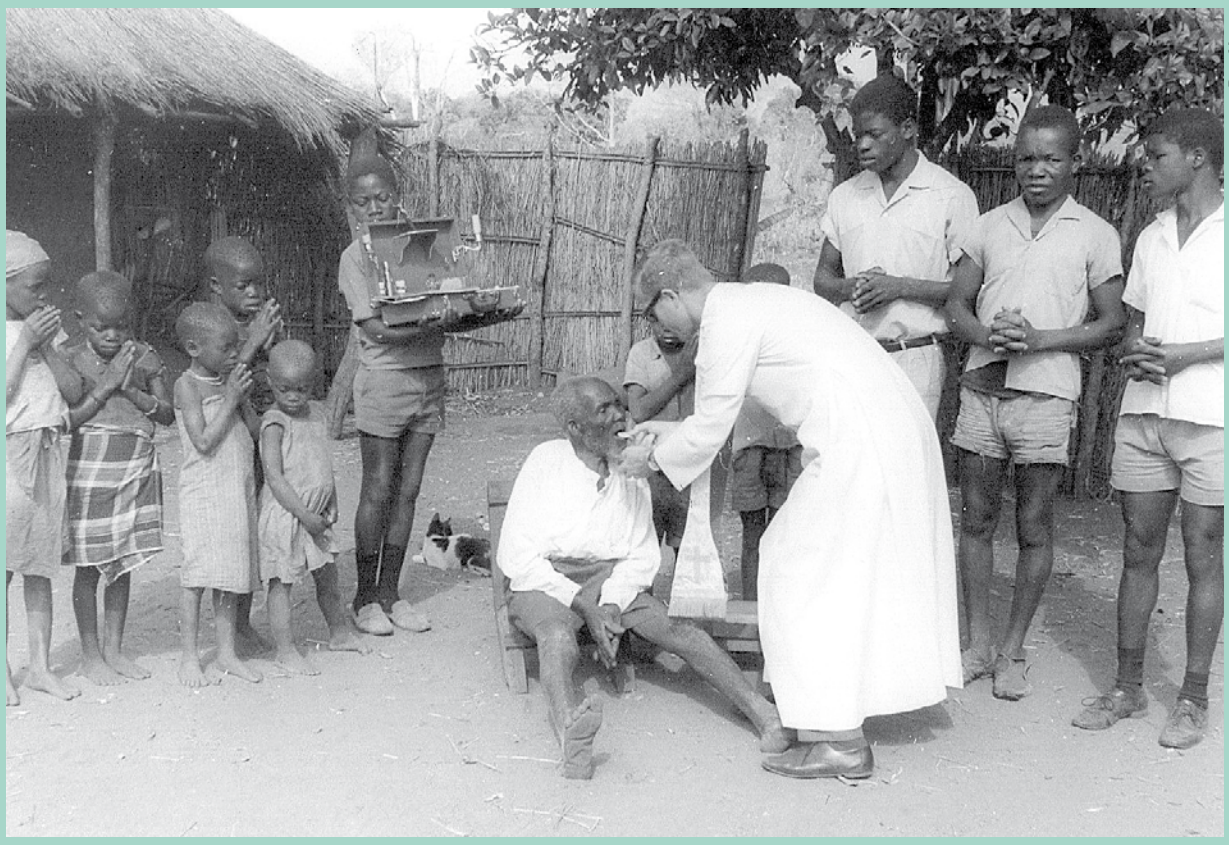
Também na Família Boa Nova, a morte de algum dos seus membros vem unir-nos ainda mais. E quanto mais significativa tiver sido essa partida, mais firmes serão esses laços de vida e de comunhão. Foi isso mesmo que aconteceu com a Alice e a Rosa de Chaviães, na morte do seu querido irmão, Pe. Manuel Armindo de Lima, assassinado em Angola.

No dia 3 de fevereiro de 1982, foi morto, em Angola, o nosso companheiro Pe. Lima, quando ia com outros catequistas em missão evangelizadora. Tornou-se o primeiro mártir da Sociedade Missionária. Decidimos, por isso, celebrar na sua terra natal, Chaviães, Melgaço, os 40 anos do seu martírio.

É claro que esse acontecimento foi imensamente doloroso para as suas irmãs que o amavam de todo o coração. Até gostariam que o seu corpo tivesse vindo para junto delas. Mas compreenderam que ele pertencia a Angola com quem fez um "pacto de sangue", no dizer de D. Zacarias Kamuenho, bispo do Sumbe, no dia do seu funeral. Quando estivemos em Melgaço para preparar a celebração desta efeméride, fomos recebidos pela Alice e pela Rosa, e pelos seus maridos, como membros da sua família. Fomos para elas a presença do seu irmão. Ou seja, os laços familiares alargaram-se. E também nós



▲ **Cartaz alusivo à celebração dos 40 anos do martírio do Pe. Lima, em 2022, na sua terra natal, Chaviães, Melgaço**



Boa Nova

▲ **O Pe. Lima a dar a comunhão a um doente, em Moçambique, onde foi missionário, antes de ser enviado para Angola. Apesar do Pe. Lima e companheiros ainda não terem sido canonizados, fazendo fé na comunhão dos santos, podemos rezar-lhes pedindo a sua intercessão**

nos sentimos em casa, como membros desta família.

Esta celebração não deve ficar apenas no âmbito da família e da paróquia. É um acontecimento que envolve toda a Família Boa Nova, pelos laços que nos unem nesta causa comum. A morte do Pe. Lima veio unir-nos também à sua família de sangue. E este vínculo une toda a Família Boa Nova à família Lima, que nos deu o seu irmão para a missão evangelizadora. Saímos todos mais fortalecidos, porque sabemos que o Pe. Manuel Armindo Lima e os seus companheiros de martírio, hoje, intercedem por nós. Estes laços fortalecem o nosso compromisso missionário, porque cremos que temos no céu grandes intercessores e, ao mesmo tempo, são um grande estímulo para, como eles, darmos a nossa vida ao serviço do Reino.

Venho convidar toda a nossa Família a unir-se a esta celebração. Quem puder passar pela Vila de Melgaço, entre 1 e 6 de fevereiro, poderá visitar a exposição alusiva à vida, ministério, martírio e glória do Pe. Lima. Será uma forma de fortalecermos os laços familiares entre nós e, sobretudo, de participarmos na comunhão dos que nos precederam na fé. O Pe. Lima e companheiros ainda não foram canonizados, mas podemos rezar para que venham a sê-lo. Por isso, quem não puder ir até ao Alto Minho poderá, pelo menos, rezar-lhes para que intercedam por nós e para que chegue o dia do reconhecimento da sua santidade. Espero que esta exposição venha depois para o Seminário de Cucujães onde vai ficar à disposição de quem a desejar visitar. Acredito que este acontecimento vai ser um grande tempo de graça para toda a Família Boa Nova. •

Pensamento

"A diversidade de expressões de fé e devoções é uma oportunidade para crescer na catolicidade."

◊ **Papa Francisco,** ***vídeo de oração de janeiro de 2024***

Curiosidade





Boa Nova

CATEDRAL DE SÓFIA NO CONTEXTO DO QUARTEIRÃO DA TOLERÂNCIA

A Catedral Católica de São José, em Sófia, é um símbolo de fé e renascimento. A igreja original foi destruída durante a Segunda Guerra Mundial, e durante décadas a comunidade católica búlgara permaneceu sem um templo principal. Em 2002, o Papa João Paulo II visitou a Bulgária e abençoou a primeira pedra da nova catedral, que seria inaugurada em 21 de maio de 2006.

Localizada no coração do chamado Quarteirão da Tolerância, a catedral partilha o espaço com uma igreja ortodoxa, uma sinagoga e uma mesquita. Curiosamente, é possível ouvir, quase ao mesmo tempo, os sinos da catedral, o canto de oração da mesquita e os cânticos da igreja ortodoxa — um testemunho vivo de convivência e respeito entre diferentes tradições religiosas.

◊ **Boa Nova** ***(com várias fontes)***



A caminho do CENTENÁRIO

7-11 ABRIL 2026

PROGRAMA

DIA 7 | CUCUJÃES – CHAVES / LEON / BURGOS
DIA 8 | BURGOS / SANTO INÁCIO DE LOYOLA / SAN SEBASTIAN / PAU / LOURDES
DIA 9 | LOURDES
DIA 10 | LOURDES / PAMPLONA/ S. FRANCISCO XAVIER
DIA 11 | PAMPLONA / VALLADOLID / PORTUGAL

INFORMAÇÕES | RESERVAS

256 899 330 | 938 322 177
seminariomissoes@sapo.pt
(Seminário de Cucujães)
936 400 716 (P. Artur Matos)
934 496 334 (P. Albino dos Anjos)
*Chamadas para as redes fixa e móvel nacionais

JAPÃO
país do sol nascente

21-29 ABRIL 2026

PROGRAMA

DIA 21 | PORTO / OSAKA
DIA 22 | OSAKA
DIA 23 | OSAKA
DIA 24 | OSAKA / NARA / FUSHIMI INARA / QUIOTO
DIA 25 | QUIOTO
DIA 26 | QUIOTO / ODAWARA / HAKONE
DIA 27 | HAKONE / TÓKIO
DIA 28 | TÓKIO / KAMAKURA / TÓKIO
DIA 29 | TÓKIO / PORTO
DIA 30 | PORTO

INFORMAÇÕES | RESERVAS

963 842 907 (P. Rui Ferreira)
revistaboanova1924@gmail.com
925 745 649 | 256 899 350 (Sara Roma)
*Chamadas para as redes fixa e móvel nacionais

VIAGENS AMIGOS BOA NOVA

"Jubileu da Esperança"... com os 50 anos da independência de Angola, servindo como momentos de reflexão, agradecimento e estímulo para a missão evangelizadora e de reconciliação.

